

* Professora da
Educação Infantil da
Rede Municipal de
Educação de
Florianópolis, Mestre
em Educação pela
Universidade Federal
de Santa Catarina e
integrante do Núcleo
de Pesquisas na
Educação da Pequena
Infância – NUPEIN.
E-mail:
elaine@intergate.com.br

NOVOS MURMÚRIOS SOBRE AS METODOLOGIAS DE PESQUISA COM CRIANÇAS PEQUENAS: desafios e rupturas*

NEW MURMURINGS ON RESEARCH METHODS
WITH SMALL CHILDREN:
challenges and ruptures

Correspondência:
Rua Desembargador
Gil Costa, 310. Ap
404, Bl A. Estreito,
Florianópolis – SC.
CEP: 88070-450

Elaine de Paula*

Resumo

Este texto originou-se em uma investigação que teve como motivação central procurar compreender as práticas educativas desenvolvidas em uma instituição de educação infantil pública de Florianópolis. Um grupo de 20 crianças entre três e quatro anos de idade foram sujeitos da pesquisa. A análise recorta dessas práticas as relações estabelecidas entre os adultos e as crianças no interior da instituição, especialmente aquelas situações marcadas pelos adultos como sendo de “transgressão” por parte das crianças. Destaco aqui o percurso metodológico do trabalho com o objetivo de registrar as possibilidades de pesquisa com as crianças que levem em conta sua condição de sujeitos sociais plenos. As relações entre as crianças (pares) revelaram um certo grau de cumplicidade na formulação de estratégias pelas quais buscavam “burlar” algumas das regras. Tais observações constituem um alerta e uma orientação para aqueles que pretendem construir uma pedagogia que transite da regulação para a emancipação.

Abstract

This text arose out of an investigation which attempted to understand the educational practices developed in an early childhood educational institution in Florianópolis. A group of twenty children, aged between three and four years, were the subjects of the research. The study analyzes, within these educational practices, the relationships established between the adults and the children in the institution, especially in situations

Artigo recebido em:
20/06/2007
Aprovado em:
05/02/2008

highlighted by the adults as "misdemeanors" committed by the children. Here I highlight the methodological route taken in this work, in order to register possibilities for research with the children that take them into account as full-grown social subjects. The relationships among the children (pairs) revealed a certain degree of complicity in the devising of strategies through which they attempted to "get round" some of the rules. These observations provide a warning and a guideline for those seeking to build a pedagogy that moves away from regulation and focuses instead, on emancipation.

Palavras-chave

Educação Infantil - Relações adultos-crianças - Transgressão.

Keywords

early childhood education - relationships between adults and children - misdemeanor.

Fazer pesquisa com crianças de 0 a 6 anos tem sido um dos desafios propostos pela área da Educação Infantil nos dias atuais. Se investigar *sobre* as crianças gerava dúvidas e inquietações no pesquisador, o que dizer da pesquisa *com* as crianças, pois, ao considerá-las como interlocutores competentes para dizerem de si mesmas obrigamo-nos a acatar seus pontos de vista e suas experiências e partilhar interpretações até então unilaterais.

Este texto pretende suscitar reflexões a partir do mergulho empreendido por ocasião do meu trabalho de campo no Mestrado, nos meses de março a setembro de 2006, com um grupo de 20 crianças com idades entre três a quatro anos, numa instituição pública de Educação Infantil no município de Florianópolis.

Como partia de uma perspectiva teórica de que as crianças eram capazes de falar por si, de apontar desejos e direções que melhor atendessem seus interesses, tinha como um dos desafios no campo de pesquisa ouvir as crianças, perceber o que sentiam sobre o que era consentido ou negado a elas na creche, enfim, compreender o que achavam daquele cotidiano.

Era preciso, então, reconhecer, na prática, a capacidade de agência destas, portanto, empreender ações para perceber em que momentos isso se revelava.

Reinventando caminhos de investigação com as crianças

A pesquisa empírica teve início com a observação do cotidiano das crianças na creche, procurando conhecê-las a partir de suas formas de tecer relações sociais, tanto com seus pares como com os adultos. A intenção era marcar, especialmente, aquelas situações consideradas pelos adultos como sendo de “transgressão” por parte das crianças. A opção por esses momentos foi por entender que, pelo fato de expressarem conflitos intergeracionais, poderiam revelar questões importantes nas relações estabelecidas no interior da creche. Para isso, procurei utilizar uma metodologia inspirada nos estudos etnográficos.

Acompanhando a rotina da creche: o lanche, os momentos de higiene, as atividades dirigidas, o parque, o almoço, o sono e até os passeios fui desvelando um mundo marcado pela diversidade, pela cumplicidade entre os pares e pela construção de estratégias de resistência, principalmente quando as crianças encontravam-se afastadas dos adultos. Também fui observando o mundo dos adultos e a tendência de homogeneização das práticas educativas quando interagem com as crianças. Mundos com significados e sentidos distintos, mas que se entrecruzavam, causando ora oposição, ora acomodação, ora conflito, ora consenso; gerando tensões para ambos os lados.

Concomitante à ida ao campo, procurei levantar referências e orientações que me ajudassem a olhar os fenômenos que estavam ocorrendo na realidade da creche, debruçando-me no campo de conhecimento das ciências sociais, em especial, na Antropologia e, principalmente, no novo campo de estudos da Sociologia da Infância, que vem construindo quadros teóricos e metodológicos de investigação com o desafio de compreender a capacidade de agência das crianças. A expectativa era que esses estudos me auxiliassem na análise da prática educativa com as crianças pequenas. Outro ponto de auxílio para as discussões que apontam para uma tentativa

de conhecer as crianças a partir delas mesmas atrela-se ao movimento de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Educação na Pequena Infância – NUPEIN- da Universidade Federal de Santa Catarina.

A abordagem metodológica implicava tomar como referência os estudos do tipo etnográfico¹ com intuito de observar, de forma sistemática, as crianças e adultos, principalmente naqueles momentos em que se colocavam regras explícitas. Parti da observação do cotidiano das práticas educativas, acompanhando, muitas vezes, a chegada das crianças à creche e a saída, na busca de captar a dinâmica do dia-a-dia, as regras explícitas (registradas por meio de um mapeamento) e as relações estabelecidas entre adultos e crianças. Assim, apoiada também no conceito de *observação participante*, que, segundo Cohn (2005, p. 45),

Consiste em uma interação direta e contínua de quem pesquisa com quem é pesquisado, é certamente uma alternativa rica e enriquecedora, que permite uma abordagem dos universos das crianças em si. Para tanto, seu caráter dialógico, de interação, terá que ser enfatizado, permitindo ao pesquisador tratar as crianças em condições de igualdade e ouvir delas o que fazem e o que pensam sobre o que fazem, sobre o mundo que as rodeia e sobre se criança, e evitando que imagens 'adultocêntricas' enviesem suas observações e reflexões.

As alternativas para apreender o que as crianças tinham a dizer delinearam-se de diversas maneiras. Inicialmente utilizei-me de um caderno para anotar os acontecimentos do campo. Em um primeiro momento meu foco foi a observação das relações entre os adultos e as crianças. Como as crianças reagiam ao que estava sendo proposto pelos adultos e como estes construíam as regras implícitas e explícitas nas suas condutas. Apenas em um segundo momento passei a observar as relações das crianças com seus pares na tentativa de apreender também o sentido que elas atribuíam às coisas que estavam a sua volta, pois partia do princípio segundo o qual as crianças são competentes para dizer de si mesmas, para apontar desejos e direções que melhor atendam aos seus interesses e, também, competentes para falar sobre aquilo de que não gostam, torna-se, portanto, imperioso perceber em que momentos e em que espaços isso, de fato, se evidencia.

Considero importante destacar que a investigação retratou minha preocupação em focalizar as crianças também como sujeitos da pesquisa. O pressuposto aqui é que a relação pesquisadora-pesquisados não se dá de maneira unilateral, mas sim pelo estabelecimento de um diálogo e pelo exercício da alteridade, procedimento imprescindível ao respeito à cidadania de que cada um – criança ou adulto – é portador. Conforme Jobim e Souza (2005, p. 4),



PONTOS CONTRA

Assumir o dialogismo e a alteridade como marcas das relações estabelecidas no contexto da pesquisa significa ir ao encontro do outro e compartilhar experiências, conhecimentos e valores que se alteram mutuamente. O outro, no caso aqui a criança, não é apenas um objeto a ser pesquisado ou um informante de dados a serem analisados, mas é um sujeito cuja palavra confronta-se com a do pesquisador, exigindo um posicionamento, uma resposta.

A imersão na realidade me fez perceber que, com a saída de cena dos adultos, as crianças tendiam a ampliar os espaços de “clandestinidade” nos quais, muitas vezes, invertiam regras e ordens pré-determinadas, criando estratégias em favor de interesses e direitos que julgavam ter.

Diante da tentativa de descortinar os universos infantis a partir de um ‘olhar e de uma escuta atenta’ sobre o que elas fazem e dizem, a leitura de Kramer (2002) levou-me a acrescentar alguns questionamentos: Como ir até onde as crianças estão e ser realmente aceita por elas? Qual a maneira mais adequada para entender como as crianças agem, como se relacionam? Se, de fato, produzem cultura, como o fazem? Qual a necessidade de descentralizar o olhar do que estamos acostumados a ver? Por que ouvir o que as crianças falam? Por que olhar para a direção que elas nos apontam? Enfim, quais as razões para não enxergá-las apenas como meros figurantes?

Aproximar-me então de novas maneiras de investigação com as crianças foi um dos desafios a que me propus nesta pesquisa, portanto, considerar seus pontos de vista requer a abertura de novas perspectivas e possibilidades de ação com elas. Dessa forma, pretendi acionar estratégias que possibilitassem conhecer e melhor compreender o que percebem as crianças com relação ao que é consentido e o que é negado pelos adultos na vida cotidiana da creche. Perceber como se estabeleciam as relações inter e intrageracional, bem como quais os desejos, interesses e expectativas que as crianças possuíam. Lancei-me, então, nesse desafio!

Então...com ‘as palavras’, as crianças

Tive uma preocupação inicial em relação ao nome das crianças. Manter os verdadeiros ou atribuir-lhes denominações fictícias? Por uma questão



ética, sempre se propõe a adoção de nomes fictícios para as crianças, mesmo que não se tenha a intenção, como foi meu caso, de fazer um trabalho denunciatório que possa colocá-las em risco. De qualquer forma, optei por alterar seus nomes quando fosse transcrever seus pontos de vista. Isso gerou meu primeiro impasse. Ora, se parto de uma concepção teórica que concebe a criança como ator social e como sujeito da pesquisa, não seria condizente com meus referenciais excluí-las desta decisão. Na verdade aqui existiam duas decisões a serem tomadas: uma em relação à necessidade de usar um nome fictício e outra em relação a qual nome usar.

Admito que nem todas as questões que possam causar impacto nas relações sociais podem ser discutidas, em toda a complexidade que possuem, com crianças de qualquer faixa etária. Mas, para mim, o importante aqui era não “naturalizar” as restrições que impomos às crianças, não mobilizar qualquer esforço para ampliar as formas de diálogo que venham a permitir uma ampliação cada vez mais envolvente da participação das crianças nas tomadas de decisão que digam respeito à vida delas. No mínimo, não escondermos de nós mesmos a existência de tais restrições e a necessidade de serem permanentemente revistas e criticadas.

Entendi que, através da segunda questão (qual nome escolher?), poderia inserir um processo pelo qual as crianças pudessem perceber, pelo menos em determinada medida, o teor das questões éticas e sociais que estavam envolvidas na decisão de trabalhar com nomes fictícios e não com seus verdadeiros nomes.

Para tanto, inspirei-me em uma experiência descrita no texto “O que falam de Escola e Saber as crianças da Área Rural? Um desafio da Pesquisa no Campo” (LEITE, 1996), na qual a autora discorre sobre a opção, por ocasião de sua pesquisa de campo, de substituir os nomes verdadeiros das crianças e pedir que elas mesmas escolhessem os nomes que gostariam que aparecessem no texto. A pesquisa de Leite, contudo, foi realizada com crianças entre seis a quatorze anos de idade. Servia-me como referência, mas, para os sujeitos de três a quatro anos com os quais interagia, o que fazer?

Precisava encontrar uma maneira significativa para que as crianças participassem da criação de seus nomes. Resolvi, então, criar uma história a partir do cruzamento de três livros de literatura infantil², a qual acabei chamando: “Nome de Brincadeira”. O enredo da história era novo, mas



PONTOS CONTRA

as imagens foram retiradas dos três livros, assim as crianças puderam manusear as figuras e fazer comentários de maneira simultânea à invenção dos nomes. O trabalho foi desenvolvido com quatro grupos, numa média de três a seis crianças por grupo. A todos os grupos lembrei o que estava fazendo na creche e o que escrevia no caderno freqüentemente.

Perguntei, então, às crianças quais nomes gostariam que fossem consignados a elas na pesquisa. Algumas escolheram personagens de séries da televisão como: Powers Rangers, Emília, Batman; outros, de contos de fada: Cinderela, Branca de Neve, Emília; houve opção por nomes ou apelidos de amigos ou familiares: Gabriel, Aline, Tuana, Stefani, Duda; houve os que não concordaram em trocar seus nomes, e por fim, alguns nomes foram inusitados, como: Tarandelo, Raudio e Relo. Nesses últimos nomes julguei que seriam esquecidos rapidamente, porém, quando fomos para a sala, as crianças foram as primeiras a anunciá-los para as demais que lá estavam.



Figura 1: sujeitos de pesquisa e a atribuição de nomes
Fonte: Registro da autora

Para uma outra atividade que me interessava desenvolver com as crianças na busca de compreender o que as crianças achavam da vida que levavam ali na creche, desenvolvi uma estratégia semelhante à utilizada para a brincadeira dos nomes. Assim como na construção dos nomes, também interagi com grupos pequenos de crianças, numa média de três a cinco por grupo e num espaço separado das demais. A proposta foi iniciar com a narração da seguinte história: 'Do que é que você gosta?', de Gerard Grévend e Magali Bardos (2001).

Deitadas ou sentadas no parque as crianças ouviam a história, e sobre ela opinavam e desenhavam.





Figura 2: Sujeitos da pesquisa desenham
Fonte: Registro da autora

Os desenhos das crianças, em geral, deixavam entrever muito de sua forma de ver o mundo, de suas emoções, dos prazeres e desprazeres do que viviam na creche, porém, chamou-me a atenção que as coisas agradáveis e permitidas de se fazer na creche são em número bem maior do que as coisas que não podiam ser feitas, conforme os desenhos que elas faziam na cartolina.

Como minha proposta era envolver todas as crianças na dinâmica, isto é, incentivá-las a falar sobre o que gostavam e do que não gostavam, dei continuidade, num outro dia, com outro grupo de quatro crianças. Como tenho reiterado minha convicção de que as crianças têm condições de interpretar as coisas que estão a sua volta e condições de instituir novas maneiras de agir sobre elas, continuei a fazer 'entrevistas' com a intenção de dar vazão às suas expressões, tendo como partida, de fato, suas próprias manifestações.

Parti novamente da mesma história do grupo anterior e utilizei os mesmos materiais: folhas de cartolina, hidrocor, máquina fotográfica. Acrescentei nesse dia um gravador. Assim, as crianças puderam escutar suas vozes, o que causou um grande contentamento e espanto ao ouvirem, ao final, o que haviam falado.

Com esse grupo, utilizei outra dinâmica para que as crianças pudessem se expressar. Apesar de ter iniciado também com a mesma história, neste grupo, diferente do grupo anterior, as crianças expressaram com mais ênfase o que não podiam fazer na creche. Em seguida, fizemos a representação de um dia de creche, em que os papéis e personagens foram escolhidos pelas próprias crianças. Mais uma vez, reitero que as crianças são capazes de se expressar utilizando outras linguagens, de serem autoras de suas ações e de falar sobre suas infâncias.



Para continuar conversando sobre o cotidiano na creche e sobre as relações estabelecidas com os adultos, propus que brincássemos de casinha no parque. Rapidamente as crianças aceitaram e Stefani determinou os papéis de cada um. Ela seria a mamãe, Vilson, o papai e Oscar e eu, os filhos. Batmam não aceitou participar da dramatização. Um outro personagem foi acrescentado à brincadeira, uma boneca, que seria o bebê.



Figura 3: Mais uma personagem na história criada
Fonte: Registro da autora

Além de criar estratégias para que as crianças se expressem verbalmente ou através de outras formas de expressão, é necessário organizar espaços para que isso aconteça, sem, contudo, projetarmos nossas concepções e juízos de valor sobre aquilo que as crianças nos dizem. Quando nos dispomos a escutá-las, percebemos o quanto elas têm a dizer daquele lugar em que tanto elas quanto os adultos passam grande parte do dia e das suas vidas. As crianças conseguem relativizar as regras entre os pares; ainda que constrangidas pela estrutura social, elas conseguem ouvir e fazer-se ouvir, mesmo no confronto de opiniões, e alterar suas ações.

As crianças tanto dizem o que gostam de fazer como também o que não gostam, então, por que mesmo assim continuamos a insistir em fazer o que elas não querem? Será que estamos realmente prestando atenção ao que nos falam?

Perceber a atuação das crianças nas relações sociais e no interior dos espaços em que circulam diariamente é compreender que elas produzem sentidos para as experiências que vivenciam, tomando como referência o sistema simbólico que as envolve. Também partilham significados que, embora diferentes dos adultos, não significa que sejam inferiores. Portanto, continuo reiterando minha convicção de que as crianças têm condições de instituir novas maneiras de agir sobre a realidade.



Para continuar explorando possibilidades de perceber a expressão das crianças utilizei, certa vez, fantoches para dialogar com elas. O cenário foi criado utilizando algumas miniaturas: carrinhos, loucinhas, bonecas, animais, avião. Mais uma vez constatei a maneira diferenciada de expressão das crianças e de tradução daquilo que vivenciam.

Como um dos pontos delicados na creche é o momento do sono, fui criando com o fantoche uma história em que ele falava sobre o sono na creche. E por meio da história as crianças faziam relação com aquilo que experimentavam, mas não apenas com coisas imediatas, também com aquelas ocorridas há algum tempo. As crianças demonstraram um plexo de visão da realidade alargado, expressando-se tanto por meio do desenho, como através da oralidade. Vejamos este diálogo originado de uma história sobre o sono por mim contada:

- ***Eu gosto de dormir!*** Diz Tuana.
- ***Não gosta, não gosta, tu até chora,*** retruca Emília.
- ***Na minha casa que eu durmo, na creche que eu não durmo,*** diz novamente Tuana.
- ***Ela dorme mas não gosta,*** diz Gabi.
- ***Dexa Tuana, faz assim oh! Fica só com um (olho) fechado na creche, nem eu durmo, só fico acordado,*** fala por último Raudio (Registro gravado - 05/09/2006).

O que expressam as crianças fez-me refletir sobre se, de fato, estamos considerando seu ponto de vista no planejamento do cotidiano da creche. Em que medida suas reivindicações ou opiniões são atendidas? Se a estrutura física e os recursos humanos são insuficientes nos espaços institucionalizados, o que precisa ser feito? Será que são as crianças que devem arcar com as dificuldades existentes?

Com as crianças do último grupo (reitero que me refiro ao grupo em que fiz a pesquisa, grupo V, três a quatro anos de idade), a despeito do interesse demonstrado ao escutar a história, não se interessaram em desenhar ou falar sobre aquilo que estava sendo proposto, resolvi experimentar uma outra dinâmica: utilizar a lente da máquina fotográfica³ para conversar sobre o que gostavam e o que podiam fazer na creche. De acordo com Guran (2000, p. 156), “uma das potencialidades da fotografia é destacar um aspecto particular da realidade que se encontra diluído num vasto



PONTOS
CONTRA

campo de visão, explicitando, assim, a singularidade e a transcendência de uma cena”. Não era minha intenção “trabalhar” as fotografias, ou seja, escolher melhor ângulo para fotografar, cuidar da posição do sol, fixar a máquina para que as imagens não saíssem tremidas, dentre outros cuidados que ‘boa’ fotografia exige, até porque, tanto eu como as crianças éramos amadores. Meu intuito foi perceber o que as crianças iriam destacar, assim como incluir outras maneiras de sua participação na pesquisa e compreender o contexto da creche pela perspectiva de seus *olhares*.



*Figura 4: Detalhe do rosto de um participante da pesquisa
Foto feita por Abano (3 anos)*

Permitir às crianças o uso da máquina fotográfica proporcionou a elas, antes de tudo, a partilha de vivências lúdicas com seus amigos e a satisfação



*Figura 5: Sujeitos da pesquisa interagem com a ciência
Fonte: Registro da autora*





Figura 6: Na sala de aula...

Fonte: registro da autora

de utilizar um instrumento que, geralmente, integra o “universo” dos adultos.

Com as fotos já impressas, levei-as para o grupo ver . Aquele momento em que as fotos circularam foi eivado de significados pela discussão que proporcionou entre as crianças.

O interesse naquele momento foi pelas imagens em que elas apareciam, o que acabou trazendo alguns problemas, uma vez que havia mais de uma criança em cada foto. O impasse se estabeleceu para ver com quem ficaria a foto. A intervenção dos adultos deu-se em alguns momentos, porém, em outros, as próprias crianças negociaram com quem ficariam as fotos, utilizando razões bem convincentes, como a que Xuxa usou para convencer Aline: “Tu não pode ficá oh, teu olho nem tá na foto!” E Aline aceitou o argumento.



Figura 7: No parque...

Foto feita por Relo (3 anos)

Ao final, com as fotos já escolhidas, falei às crianças que algumas daquelas fotos talvez integrassem o texto que estava escrevendo, assim como outras

que eu já havia feito. Falei-lhes também da autorização dada por suas famílias para que eu pudesse utilizar as fotos e mostrei-lhes o documento assinado pelos pais. Mostrei às crianças um documento similar àquele outro, porém com um pedido para que elas, e não os seus pais, me autorizassem a utilizar as imagens que registramos. Enfim, solicitei a autorização das crianças para publicação das fotos em minha pesquisa.

Esse procedimento pode parecer, ao leitor, evasivo, por considerá-lo destituído de significado para as crianças, porém, para além da cartorização ou burocratização de um ato, no que tange à assinatura ou não de um documento, a magnitude daquele momento para as crianças deu-se pela seriedade com que fizeram sua 'assinatura', insistindo para que eu apontasse onde estavam seus nomes. Aqui o importante é o fator pedagógico no que diz respeito ao direito de expressar seu acordo ou desacordo em situações que as envolvem diretamente.



Figura 8: De volta à sala de aula

Fonte: Registro da autora

Ainda com a intenção de dar visibilidade e compreender as diferentes representações sociais das crianças a partir delas mesmas, continuei a reinventar procedimentos que pudessem captar suas interpretações sobre a realidade que as cerca, suas relações inter ou intrageracional ou ainda com os espaços físicos/temporais do cotidiano institucional. Dessa forma, procurei utilizar as fotografias já impressas para que as crianças, individualmente, fizessem a leitura das experiências naquele espaço. Minha proposta foi de conversar apenas com algumas crianças em razão do tempo escasso que tinha para terminar a pesquisa de campo, mas tive o cuidado de escolher para conversar não apenas aquelas crianças que tinham a oralidade mais presente, mas também as que pouco se expressavam verbalmente em sala. Minha surpresa foi grande ao perceber

que as duas crianças que convidei para falar sobre as fotos, as quais na sala pouco falavam com as demais, nomeavam os amigos presentes nas fotos, falavam sobre as brincadeiras captadas pelo instantâneo da máquina fotográfica, falavam de suas preferências, enfim, expressavam modos diferentes daqueles de quando estavam em grande grupo.

Fui percebendo que as considerações que as crianças levantavam sobre as imagens vistas nas fotografias nos comprovam que estas podem ser instrumentos auxiliares de análise e de reorganização das práticas educativas, à medida que se faça uso delas para compreender o que as crianças estão dizendo e querendo. As informações levantadas podem ajudar os adultos a criarem espaços mais motivadores para as crianças e confirmar nossa perspectiva de que as crianças são competentes para expressar o que desejam no cotidiano em que estão imersas diariamente.

Finalmente, sintetizando essa questão, resalto que a auto-avaliação, a auto-análise que as crianças realizaram por meio das fotos mostraram sua capacidade de distanciamento e discernimento ao avaliarem fatos e situações ausentes no tempo e no espaço, ainda que tornados presentes e vivos pelo registro fotográfico. No meu entender, essa dinâmica oferece valiosos subsídios no desenvolvimento e avaliação de atividades pedagógicas.

Considerações pretensamente finais... mas apenas para esse momento

As ações citadas acima ainda são incipientes e carecem ser mais bem refletidas para que outras abordagens, que se coadunam com a perspectiva que considera as crianças também como protagonistas no campo de investigação, desencadeiem novos desafios, tanto teóricos como metodológicos, e que nos levem a relevar o sentido que as crianças atribuem às coisas que as circundam, assim como as experiências que vivenciam no cotidiano, geralmente consideradas sem importância.

Ao partilharmos desses significados e legitimarmos as ações das crianças, enfatizamos sua competência social e seus modos de agir, entendendo que elas têm por base seus próprios interesses e não os interesses dos adultos.

Ao utilizar o campo de estudos da nova Sociologia da Infância ainda em formação, importa dizer que embora este campo nos remeta mais às realidades européia e americana, não deixa de representar uma orientação que potencializa os conhecimentos que vimos construindo aqui no Brasil sobre as especificidades e diversidade que constituem as infâncias, principalmente ao levarmos em consideração que essas diferenças se definem a partir dos contextos sociais e culturais em que as crianças se inserem, questionando uma possível neutralidade biológica que, muitas vezes, utilizou-se para apoiar o entendimento sobre as crianças. A nova Sociologia da Infância tem procurado incluir a criança como 'objeto' sociológico e enfatizado duas categorias para reflexão: a alteridade e a geração. Tem tentado evidenciar que as maneiras de agir, de se relacionar e de conhecer das crianças se diferenciam das dos adultos, mas essas diferenças não tornam as crianças inferiores aos adultos.

Temos, sem dúvida, ainda um longo caminho a percorrer quando falamos de pesquisas com as crianças pequenas. Várias pesquisas permitem perceber que elas ainda não foram totalmente constrangidas pelo controle das 'pessoas grandes' e pelas ordens instituídas na sociedade, podendo, portanto, ajudar-nos no processo de constituição do novo. Ao lançarem mão de estratégias criadas pelo seu repertório imaginativo, suas vivências, suas brincadeiras, seus questionamentos, suas 'desordens', enfim, suas culturas, as crianças tendem a desafiar a racionalidade dos adultos, tendem a transitar entre o instituído e o que pode ser transgredido, mostrando-nos formas de organizar o pensamento que a nós parecem estranhas e que, portanto, podem auxiliar a ampliação do nosso ponto de vista sobre a realidade.

É uma aposta, sem dúvida, mas que considero tão importante que não pode deixar de ser investigada em diversas frentes e de diferentes modos.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Livro, 2005.

COHN, C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERNANDES, R. S. *Entre nós o Sol* um estudo sobre relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na atividade de brincar, em um programa público educacional não –

escolar, na cidade de Paulina. Dissertação de Mestrado, Campinas/São Paulo, 1998 – 172 páginas.

GEERTZ, C. *As interpretações das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças*: teorias, métodos e ética. Tradução: Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gubbnkian, 2003.

GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças*: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gubbnkian, 2003. tradução: Ana Maia Chaves.

GREVEND, G.; BARDOS, M. *Do Que É Que Você Gosta?* Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

GURAN, M. *Fotografar para descobrir; fotografar para contar*: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, p. 155-165. 2000.

JOBIM E SOUZA, S. A pesquisa como intervenção nas relações entre crianças e adultos no âmbito da cultura da mídia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 1998, Rio de Janeiro. *Anais..* Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

KRAMER, S. *Autoria e Autorização*: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de pesquisa, julho n. 116. Autores Associados, 2002.

LEITE, M. I. F. P. O Que Falam De Escola E Saber As Crianças Da área Rural? Um Desafio Da Pesquisa No Campo. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (orgs). *Infância* Fios e Desafios Da Pesquisa. Campinas: Papyrus, 1996.

LIVIA, M.; ORLOV, V. *Na Cauda da Pipa*. Coleção Marcha Criança. Editora Scipione, 2003.

PADILHA, F. G. *Brinquedos falantes*. São Paulo: Ática, 2006.

PAUSEWANG, G. *A escola dos meninos felizes*. São Paulo: Loyola, 2000.

Notas

* Agradeço ao meu orientador no mestrado, Dr. João Josué da Silva Filho, pelas sugestões na construção deste texto.

¹ Segundo Geertz (1989), etnografia é uma prática realizada na antropologia e consiste num descrição densa do trabalho em campo, o que importa numa busca profunda e contextualizada dos significados. Portanto, penso que nós, da educação, o que fazemos é estudos que seguem as orientações da prática etnográfica. Ver também outros autores: André (1995); Graue e Walsh (2003).

² Pausewang (2000); Padilha (2006); Livia e Orlov (2003).

³ A investigação de Mestrado de Fernandes (1998), que teve como sujeitos da pesquisa crianças entre sete a quatorze anos em um espaço de educação não-escolar, também fez uso das fotografias como um instrumento que lhe permitiu fazer análises interpretativas sobre seu objeto de estudo.